

Gláucia de Oliveira Assis
Luis Fernando Beneduzi
organizadores

OS PEQUENOS PONTOS
DE PARTIDA:
novos e(i)migrantes rumo
à Itália no século XXI

EDITORA CRV
Curitiba - Brasil
2014

Copyright © da Editora CRV Ltda.

Editor-chefe: Ralison Moura

Diagramação e Capa: Editora CRV

Foto da Capa: Freemages

Revisão: Iuarez Segalim

Conselho Editorial:

- | | |
|--|---|
| Prof. Dr. Andréa da Silva Queimadas Sousa (UNIR, UFRN) | Prof. Dr. João Adalberto Camparo Junior (FAP - SP) |
| Prof. Dr. Antônio Pereira Gato Junior (UFRR) | Prof. Dr. Jaisson Alves dos Santos (UFRR) |
| Prof. Dr. Carlos Alberto Viar Estêvão | Prof. Dr. Leonel Serezo Rocha (UR) |
| - (Universidade do Minho, (MINHO, Portugal) | Prof. Dr. Lourdes Helena da Silva (UFV) |
| Prof. Dr. Carlos Frederico Dominguez Ayala (UNICERRO - DFI) | Prof. Dr. Jossiana Portela (UFPA) |
| Prof. Dr. Camila Tereza Velazquez (UNIR) | Prof. Dr. Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNICAMP) |
| Prof. Dr. César Gerardo Jello | Prof. Dr. Maria Lúcia Imberibe Sousa (Colares (UFOPA) |
| - (Universidad Nacional de Trés de Febrero - Argentina) | Prof. Dr. Paulo Romualdo Hernández (UNIFAL - MG) |
| Prof. Dr. Elione Maria Nogueira Diogenes (UFAL) | Prof. Dr. Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFSCar) |
| Prof. Dr. Eliso José Costa (Universidade Federal da Fronteira Sul, UFTS) | Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus (UFRO) |
| Prof. Dr. Glória Farinha Leite (Universidade de La Havanha - Cuba) | Prof. Dr. Solange Helena Ximenes-Rocha (UFOPA) |
| Prof. Dr. Francisco Carlos Duarte (PUC-PR) | Prof. Dr. Sydneys Santos (UEPG-PR) |
| Prof. Dr. Guillermo Arias Bealón (Universidad de La Havanha - Cuba) | Prof. Dr. Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA) |
| | Prof. Dr. Tatiana Steyn Azevedo Brasilero (UFOPA). |

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

p479

Os pequenos pontos de partida: novos e(imi)grantes rumo à Itália no século XXI / organização Gláucia de Oliveira Assis, Luis Fernando Beneduzi. - 1. ed. - Curitiba, PR: CRV, 2014.

232 p.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-444-0065-4

1. Imigrantes - História - Século XXI. 2. Italianos - América - História. 3. Italianos - Brasil - História. I. Assis, Gláucia de Oliveira, 1966-. II. Beneduzi, Luis Fernando.

14-12734 CDD: 981.04

CDU: 94(81).04

02-06-2014 05-06-2014

Foi feito o depósito legal comf. Lei 10.994 de 14.12.2004
2014

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV
Todos os direitos desta edição reservados pela:

Editora CRV

Tel.: (41) 3039-6418

www.editoracrv.com.br

E-mail: sac@editoracrv.com.br

APRESENTAÇÃO

Já no início do século XIX, nos nascentes Estados latino-americanos, sucederam-se leis feitas para favorecer a imigração europeia. O Brasil foi o pioneiro, devido à primeira lei, promulgada por Dom João VI no ano de 1808; somente depois dessa data é que disposições de teor semelhante foram emitidas pela Argentina, o Chile, o Equador e outros. A ideia de base de todas elas era que poderiam favorecer o projeto de atrair núcleos de camponeses europeus a esses países para ocupar as "colônias agrícolas". Os documentos mostram como a política de povoamento, no caso do Sul do Brasil, aconteceu em zonas habitadas por populações indígenas. As colônias, normalmente, se encontravam longe da costa e as viagens rumo à cidade eram, antes de tudo, longas e difíceis. Esta é uma das razões pelas quais os núcleos de povoamento desenvolveram a tendência à autossuficiência. Nelas se aplicou o modelo da propriedade camponesa de tipo europeu.

No caso do estado de Santa Catarina, os italianos que chegaram ao final do século XIX, oriundos do nordeste da península, instalavam-se, inicialmente, na região em que já havia núcleos de população alemã: Itajaí, Brusque e Blumenau. Nessa mesma região, fundaram as colônias de Botuverá e Nova Trento e, em direção ao sul, Tubarão, Azambuja, Urussanga e Criciúma.

À fase política favorável à imigração europeia no Brasil sucedeu uma segunda, caracterizada pelo controle sobre imigrantes e imigração. No século XX, a partir dos anos trinta e quarenta, os imigrantes começaram a ser vistos como um obstáculo ao crescimento da nação, por conta de sua resistência à assimilação e a se "tomar brasileiros". Durante o período do Estado Novo, foram baixadas medidas com a finalidade de colocar em operação a campanha de nacionalização dos imigrantes, colocando em questão seu pertencimento étnico e suas formas típicas de manifestação. Os espaços da ação sobre os descendentes se reduziram sobretudo ao Sul do País, região de maior colonização, com a campanha "tomar-se brasileiro mais insistente. Durante a Segunda Guerra Mundial, depois do rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o Eixo (em 1942), italianos, alemães, japoneses e seus descendentes foram co-

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
<i>Gláucia de Oliveira Assis</i>	
EM BUSCA DA DIFERENÇA: a produção de identidades culturais italianas no Sul do Brasil (cenários e hipóteses de trabalho)	27
<i>Luiz Felipe Faício</i>	
MEMÓRIAS COMPARTILHADAS E COMUNIDADES IMAGINADAS: os italianos <i>all'estero</i> e sua construção enquanto categoria histórica	49
<i>Miriam de Oliveira Santos, Maria Catarina C. Zanini</i>	
A SAGA DAS MULHERES ITALIANAS E DESCENDENTES NO PROJETO MIGRATÓRIO - MICROREGIÃO DE AIMORÉS - MG	65
<i>Sueli Siqueira, Ariete Cristina Martins de França, Sandra Nicoli</i>	
O QUE SIGNIFICA SER ÍTALO-BRASILEIRO NA ITÁLIA? ENTRE EXPERIÊNCIAS E EXPECTATIVAS, TRÊS LEITURAS	83
<i>Luís Fernando Beneduzi</i>	
"MIGRANDO PARA A TERRA DOS NONNOS E DA POLENTA": os urussanguenses na Itália a partir da rede social do Orkut	111
<i>Gláucia de Oliveira Assis, Julia Massuchetti Tomasi</i>	
MIGRANTES EM TERRA ESTRANGEIRA: retorno à terra dos antepassados	131
<i>Maria Catarina Chitolina Zanini, Vanila Beatriz Merlotti Herédia</i>	
CIDADANIA ITALIANA "PARA INGLÊS VER": mulheres emigrantes e relações de trabalho (Brasil – Europa, 2000-2011)	147
<i>Silvia Maria Fávero Arend, Marlene de Fávero</i>	

O QUE SIGNIFICA SER ÍTALO-BRASILEIRO NA ITÁLIA? ENTRE EXPERIÊNCIAS E EXPECTATIVAS, TRÊS LEITURAS

Luis Fernando Beneduzi

Quando se escuta a palavra *imigração*, normalmente as pessoas são confrontadas (especialmente se pensarmos no imaginário brasileiro sobre o tema) com indivíduos que deixam seus países e rumam para outros Estados nacionais em busca de melhores condições de vida. No conceito historicamente criado no Brasil, o navio abarrotado de famílias de terceira classe é o estereótipo e o emblema que o conceito "imigração" cria. No entanto, a realidade é muito mais complexa e pode ser declinada em diferentes imagens e significados sobre os processos migratórios; se, por um lado, a imigração por questões econômicas é uma realidade, clarificando que não são os miseráveis os que partem, por outro, é necessário acrescentar um leque maior de *push factors*, que envolvem elementos pessoais, sentimentais ou psicológicos.

Ao mesmo tempo, falar em imigração para muitas pessoas é tratar de um processo estático, segundo o qual, os sujeitos partem movidos por diferentes motivações e permanecem com as mesmas percepções e olhares, como se o tempo não passasse. Também aqui os estudos migratórios contemporâneos mostram que as dinâmicas de partida e chegada, no fluxo que marca o fenômeno migratório, são entrecruzadas por transformações em um processo dialético que considera a terra de nascimento e a de acolhida. Tem-se uma constante interação entre presente e passado, que produz novas concepções sobre as experiências anteriores à expatriação e sobre aquelas na nova terra.

Neste sentido, pode-se afirmar que qualquer processo migratório é marcado por dois elementos de base: a terra de partida e a terra de chegada. Na primeira, encontram-se as experiências vividas

e que irão marcar as escolhas e as relações com a comunidade para a qual se emigra. O segundo espaço, pelo contrário, constituirá a base da nossa percepção do processo migratório e da própria terra de partida. Dito de outra maneira, enquanto as vivências na terra de partida colaboram na estruturação das expectativas vinculadas à terra de acolhida e nas representações que se constrói sobre ela, o cotidiano na terra de chegada direcionará o olhar do imigrante na dinâmica mnemônica de retornar ao passado anterior ao da expatriação e do próprio trânsito, reelaborando-o.

De acordo com os contatos e as informações que se tem sobre a sociedade para onde se pretende emigrar, construir-se-ão uma imagem e uma relação diferenciadas em relação à nova sociedade. Diferentes, tendo por referência o presente do imigrante – projeto realizado ou não, momento positivo ou negativo – será o olhar com o qual ele vai recuperar sua experiência e a “coloração” que ele vai dar a ela.

Considerando-se, com Ricoeur,¹ que a memória das experiências passadas, portanto daquilo que delas permaneceu, é uma elaboração realizada no tempo presente, com a marca das vivências históricas do sujeito, a imagem construída pelos italo-brasileiros sobre suas trajetórias e sobre a vivência na terra de partida vai ser forjada em um cruzamento entre a situação em que se encontram na Itália e as novas representações do Brasil no cenário internacional. Mesmo concordando com as análises de Stuart Hall² sobre o processo diaspórico, que percebem a tendência, nas comunidades de imigrantes, a uma idealização da terra de partida, transformando-a em um espaço mítico que viaja cristalizado junto com o imigrante, deve-se ressaltar que esse olhar, se reforçado nos momentos de decadência do presente, também pode ser relativizado nos contextos de uma imigração que deu certo. A rigor, se está diante de processos sociais muito complexos e diversificados, com múltiplas variáveis, em que o presente da terra de partida e o de chegada interagem e interferem no contexto da produção mnemônica do imigrante.

Tendo presente esse cruzamento entre a experiência atual e a memória das vivências passadas, e considerando a leitura do passado como uma representação dos fatos acontecidos e produção de novas imagens, quer-se analisar a trajetória – partida, trânsito, che-

gada – de três descendentes de trentinos, residentes, no momento das entrevistas, na cidade de Trento, provenientes de realidades brasileiras diferenciadas: cidade de São Paulo, interior do estado do Espírito Santo e interior do estado do Paraná. Para esta discussão, é importante enfatizar os conceitos abordados por Leed, enunciados logo acima, que explicam o percurso migratório como algo que vai além da experiência física da viagem, porque as concepções de partida e chegada vão ser muito relevantes na compreensão do tipo de percepção que os entrevistados têm de si mesmos, assim como relevante será a determinação da extensão do trânsito na leitura de seu deslocamento, no reconhecimento de que chegou ao seu ponto final.³

Antes de conhecermos um pouco mais as personagens principais deste artigo, deve-se mencionar que as entrevistas fazem parte de um projeto maior de pesquisa, que busca analisar as dinâmicas de integração entre italo-brasileiros no contexto italiano. A realização delas se deu em uma sala de música, bem-estruturada com relação à acústica, que era parte do complexo residencial estudantil da Universidade de Trento. Naquele local, escolhido e reservado pelos estudantes, foram entrevistados 11 colaboradores, nem todos italo-brasileiros, embora esse grupo fosse majoritário, e a estratégia para construção da amostragem foi a chamada “bola de neve” (ou *network*), na qual os entrevistados recebem sugestões de outros sujeitos que estão colaborando com a pesquisa. No que se refere à estrutura da entrevista, levando em consideração que se utilizaram os conceitos balizadores inerentes à história oral, destaca-se que esta foi realizada a partir de um roteiro geral preestruturado, mas que não era utilizado pelo pesquisador no momento da interação, nem tampouco se constituía em camisa de força. Na verdade, a sua função era clarificar os eixos temáticos de interesse da pesquisa, partindo-se da narrativa do processo migratório individual; dava-se espaço para que o próprio entrevistado, seguindo a trama por ele construída, a partir da sistematização de suas lembranças, elaborasse o fluxo narrativo da interação. Escolheu-se não trazer para o momento da entrevista roteiro escrito algum, para favorecer uma familiaridade maior entre o pesquisador e o colaborador. Outrossim, antes de dar início ao processo de entrevistas, organizou-se uma sessão comum de conhecimento mútuo e bate-papo coletivo, com o objetivo de criar maior intimidade e abertura para a interação.

¹ RICOEUR, Paul. *La memoria, la storia, l'oblio*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2003.

² HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

³ LEED, Eric. *La mente del viaggiatore. Dell'Odissea al turismo globale*. Bologna: il Mulino, 1992.

Tomando a decisão: a bolsa para os trentinos no mundo

Feitas as considerações iniciais, é importante começar a conhecer os protagonistas deste trabalho, os sujeitos cujas trajetórias, por suas peculiaridades e similaridades, foram selecionadas para narrar as complexas dinâmicas que envolvem o fenômeno migratório de italo-brasileiros. Para o presente artigo, é fundamental conhecer as diferentes realidades que compõem a vivência na terra de partida, não somente com relação à zona de proveniência, mas, sobretudo, ao tipo de imagem que esses descendentes tinham da terra de seus antepassados e que tipo de expectativa foram construindo em momentos que precederam a partida.

Leed fala que a partida significa o que um indivíduo vive ao se separar de uma matriz social fixa, como a casa ou o lugar de nascimento⁴. Neste sentido, o olhar que lançamos com relação ao momento anterior ao início físico da viagem, quando se observa a tomada de decisão de partir, permite vislumbrar o tipo de leitura que esses imigrantes tinham de suas realidades e que deram à luz processos múltiplos de interação com a terra de acolhida. Conhecer as matrizes específicas que compunham o quotidiano de suas relações é uma chave importante para ler as dinâmicas que marcaram o trânsito e a forma como eles se relacionaram com a nova realidade d'além-mar e a interpretaram.

Como primeiro passo, é necessária uma breve apresentação geral dos colaboradores, para os quais se utilizarão pseudônimos, com o objetivo de respeitar seu direito à privacidade. Trabalhar-se-á com as narrativas de Paola, proveniente do Estado do Paraná, mas originária da zona de imigração trentina do norte do estado de Santa Catarina, onde ainda vivem os parentes paternos; de Cristina, natural da cidade de São Paulo, marcada pela experiência da grande metrópole e pela não-interação com zonas específicas de imigração trentina; e de Mateus, natural do Espírito Santo, que cresceu em uma das zonas de imigração italiana daquele estado.

Enquanto Paola foi criada com a percepção de pertencimento a uma determinada imagem de italianidade, Cristina não teve nenhum

contato específico, sendo a situação de obtenção de uma bolsa de estudos, sobre a qual se falará logo adiante, o elemento que a fez pensar, de maneira pragmática, sobre o seu vínculo com a província de Trento. No caso de Mateus, observa-se uma terceira realidade; mesmo nunca se havendo preocupado com a sua proveniência étnica trentina, o fato da busca da cidadania, com a necessária reconstrução de sua linha de ascendência, cria um certo sentimento de pertença à coletividade de origem e funciona como elemento propulsor para a sua experiência individual de emigração.

Nos dois primeiros casos, os das mulheres, além do pertencimento genérico a um mesmo grupo – descendentes de trentinos no Brasil – observa-se que o recebimento de uma bolsa de estudos, financiada pela província de Trento, funciona como elemento propulsor do processo migratório. Deve-se, certamente, destacar que este sentimento de “trentinidade” não é compartilhado plenamente pelas jovens. Enquanto é muito forte no caso de Paola, inexistente no de Cristina. O próprio financiamento do curso universitário produz sentimentos e reações diferenciadas entre as duas: para a paranaense, é uma maneira de realizar um sonho acalentado há muitos anos, e mudar-se para a terra de seus antepassados; para a paulista, não passa de um modo de realizar uma experiência no exterior.

O caso de Mateus apresenta uma terceira variação, pois ele não parte para a Itália motivado/financiado pela província de Trento ou por qualquer outro órgão do governo italiano; ele promove a própria viagem. Em um primeiro momento, até o início da organização de seu processo de cidadania, o estudante capixaba não tinha nenhum vínculo específico com sua ascendência. Vivia em uma zona de imigração italiana. O avô contava algumas histórias, poucas, que recordavam a região de partida dos antepassados. No entanto, não havia uma ideia de pertencimento ou necessidade de conhecer o outro lado do oceano. Como ele mesmo fala, a sua opinião era absolutamente contrária ao ato de emigrar, de abandonar o seu país de nascimento: isso não era coisa para ele:

Eu, bem, de princípio, eu não era, eu não era eh... favorável à ideia de imigrar; eu sempre, mesmo quando vendo na televisão e coisa e tal de pessoas que imigravam pra outro país, eu acho que contigo, dentro de mim, eu disse ‘isso é uma loucura, tipo, nunca, não vai ser uma coisa que eu vou fazer’, acho que não há necessidade, eh... de princípio sempre fui um pouco contra.⁵

A rigor, vai ser num segundo momento, com a descoberta da possibilidade de encaminhar a documentação para obter o reconhecimento da cidadania italiana, que a percepção de Mateus sobre a emigração sofrerá uma alteração. De acordo com seu relato, reconstruir a história familiar, retomar as narrativas do avô, dar-se conta de que sua proveniência não é apenas questão de um território geográfico-nacional – a Itália –, mas de um microcosmo específico. Tudo isso produz novas sensações com relação à terra de partida dos ancestrais e um processo de aproximação afetiva, criando uma mudança na concepção do ato de partir:

Depois que eu soube do fato da possibilidade da cidadania italiana, que representava uma facilidade nesse sentido, e também depois, e tendo, tendo corrido atrás mesmo da, da, enfim, da documentação pra adquiri-la, foi onde eu tive o contato com... alias foi, é onde que você descobre de fato se reconstrói ah, essa, essa origem familiar e tal, então aonde você vai, consegue individuar que não só o país é a Itália, como, como é ah... como é contado essa, toda essa retórica contada pelos avós, pelo *nonno*, eh... então eu pude reconstruir, eh... identificar que a família de fato vinha da província de Trento, que era enfim essa cidade, o lugarzinho de onde vieram e tudo, e... claro tendo tomado conhecimento disso, eh... eu pensei então uma vez em... em... em vir, em tentar, pra justamente pra conhecer, porque cria-se então em torno a isso, não, não somente aquilo que... que o *nonno* conta 'ah, porque a Itália, e tal', então fica assim, sempre aquela coisa muito mítica, quando você toma conhecimento de que essa, essa... esse misticismo existe, que de fato, ou seja, o lugar não é só aquela, aquele ideal que contavam e tal, você, cria-se uma certa curiosidade, vamos ver como é, qual é, então cria-se essa, essa... não só oportunidade claro, material de ir, e, e... enfim de obter ah... a série de benefícios, enfim, claro que a cidadania traz, mas também o fato de conhecer essa parte mítica, que sempre a família conta né, e...

Na experiência de Mateus, diferentemente da de Paola, a qual será apresentada logo adiante, observa-se que o desejo de conhecer a terra dos antepassados é algo que vai sendo construído com o tempo, depois da busca pela reconstrução dos laços que unem sua história pessoal e familiar. O que por ele era considerado apenas a

narrativa mítica do avô (no seu relato, algo distante da concretude da existência), torna-se palpável à medida que ele descobre as especificidades de sua proveniência.

Esta narrativa mostra algumas facetas interessantes dos processos de construção de identidade e de criação de dinâmicas de identificação com espaços diferenciados. Como no percurso da identidade nacional, observa-se o forte papel que tem a ideia de uma história comum, de um conjunto de experiências passadas que acomunam os diferentes sujeitos que convivem num espaço do território nacional. O sentimento de pertença individual também é marcado pelo reconhecimento de uma determinada trajetória familiar que cria afetividade com relação a novos espaços-tempos. O que eram fragmentos memóricos distantes, pertencentes à memória de outros, torna-se – a partir da concretude atribuída pelo reconhecimento do lugar de partida – em história pessoal do sujeito e, portanto, autorrepresentação, pela nova percepção de si que desencadeia. Denota-se aqui uma característica específica de etnicidade, pela fixação de símbolos identitários que caracterizam a crença numa origem comum: a descoberta do nome da cidadezinha de partida funciona como detonador do encontro com essa origem comum⁶.

Diferente da realidade apresentada por Mateus, Paola sente-se parte de uma certa "trentinidade" desde sempre. Mesmo vivendo fora da zona de imigração, e talvez isso tenha sido um dos fatores propulsores do seu sentimento, sua família era reconhecida pela comunidade onde vivia, no Paraná, como italiana: seu pai era apontado na rua como "o italiano". Crescendo em uma zona de grande presença de descendentes de poloneses e ucranianos, ela experimentava com força as marcas da alteridade que decorriam de sua situação, pois serão justamente estes sinais da diferença alguns dos elementos que irão consolidar sua identidade étnica. Poutignat e Streiff-Fenart afirmam que "a interpenetração e a interdependência entre os grupos não podem ser vistas como dispersões das identidades étnicas, mas como as condições de sua perpetuação,"⁷ pois o contato com a diferença – reconhecida como alteridade – reforça, desde tenra idade, a identificação com sua etnia, no caso de Paola com o grupo italiano e, mais especificamente, com o trentino.

6 POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade. Seguido de Grupos Étnicos e suas fronteiras*, de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998, p. 13.
7 POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Op. Cit. nota n. 6, p. 62.

Colaboram com esse processo de construção os frequentes retornos à casa dos avós, no norte do estado de Santa Catarina, em uma zona de alta densidade populacional de descendentes trentinos. Naquele microcosmo, vivia-se uma variedade de rituais marcados pela fala dialetal, por histórias familiares, narrativas sobre a Itália, jogos, canções, enfim, pelo fortalecimento de características identitárias de pertencimento. Para Paola, atravessar a fronteira entre o Paraná e Santa Catarina não era apenas uma relação geográfica, mas cultural e temporal muito fortes. Voltar para casa significava retornar ao país da infância (das memórias que reelaboram um espaço-tempo idealmente feliz) e, ao mesmo tempo, à comunidade originária, ao *focolare* doméstico que reforçava a diferença com relação à sociedade na qual vivia e era por ela reforçado enquanto elemento de coesão identitária. Sem fazer essa relação, quando atravessava o limite estadual, a seu modo ela entrava na sua Trento, embora na imagem cristalizada lá do outro lado do oceano, própria do processo migratório.

É relevante destacar um elemento que diferencia a realidade da partida de Paola com relação à dos outros dois entrevistados. Ela tinha o dialeto trentino como parte do seu cotidiano, especialmente quando retornava a este lugar mítico que era a cidade de nascimento de seu pai, aquela onde encontrava o avô, os tios e os outros "italianos". Como afirma a paranaense em sua entrevista, foi o dialeto que efetivamente a conduziu a Trento⁸. Este fator, como se verá no último ponto de discussão do artigo, será de grande importância nas dinâmicas de integração e de reconhecimento na sociedade de acolhida. Vai ser responsável pela criação de situações, no cotidiano, por estabelecer uma certa complicidade entre o nativo e o italo-descendente, que se identificavam através da compreensão dialetal.

Uma especificidade da partida de Paola é o fato de ela ter parado sua viagem desde os quinze anos, quando tomou a decisão de viver na Itália. Desde aquele período, ela começou a frequentar todo tipo de curso que tivesse algum vínculo com a península itálica e que lhe pudesse oferecer um contato "direto" com aquela realidade. Fez, inclusive, um curso de "Mecânica Polivalente" (note-se que seu interesse, e depois sua formação, era por Licenciatura em Letras), porque era oferecido pela província de *Belluno* e, portanto, permitia um contato com a "sua" Itália. Essa experiência também

possibilitou o contato com a língua italiana, pois eram oferecidas algumas horas de ensino do idioma; constituiu-se, então, no elemento clarificador de seu desejo de partir: "e acho que aquilo ali se tornou mesmo a minha vontade"⁹.

O terceiro caso, da paulista Cristina, apresenta uma situação que se aproxima e se diferencia da dos outros dois entrevistados: ela viaja para a Itália com uma bolsa de estudos da província de Trento, como Paola, mas sem qualquer relação com a cultura local, como Mateus. Na verdade, ela não desenvolve, mesmo com o trabalho de recuperação de informações familiares, necessárias para poder concorrer à bolsa, considerando que é oferecida a descendentes de trentinos, um sentimento de pertença e/ou afeto com relação à terra dos antepassados. Para ela, é uma situação interessante que se apresenta, uma oportunidade de fruir de um período de estudos no exterior, que poderia ser realizado, indiferentemente, em qualquer país ou região. Estava indo para Trento, porque a possibilidade que lhe era oferecida estava relacionada a essa comunidade específica.

Devem-se considerar duas questões que marcam o momento anterior à partida de Cristina, e que são elementos decisivos na escolha de seu destino migratório. Em primeiro lugar, destaca-se o modo inusitado como ela tem acesso às informações, tanto da bolsa quanto de sua ascendência trentina. Desde muito tempo, ela tinha o desejo de fazer a sua experiência no exterior e foi o contato de seu primo, acostumado a viajar com diferentes tipos de bolsa, que possibilitou o início de sua aventura em direção a Trento:

Eh... ele veio e me comentou 'escuta [Cris] eu conheci um cara que tinha uma bolsa de estudos da Itália, dada pelo governo trentino, eh... para descendentes trentinos, nossa família é trentina', e foi nesse momento que eu fiquei sabendo.¹⁰

Mesmo tendo tido contato com sua origem, somente nesta troca de correspondência com o primo, a Itália deixou de ser para ela um país desconhecido; certamente, ela conhecia a península mas de modo diferente do dos outros entrevistados. Ou seja, na sua representação, a Itália não era o país de ancestrais, uma terra mítica reela-

borrada no processo migratório iniciado no século XIX; era o fruto de filmes a que havia assistido e da experiência gastronômica vivida ainda em São Paulo. Ela, inclusive, tinha pensado em frequentar um curso superior em gastronomia, pensando especificamente na culinária italiana. A rigor, ela compartilhava um imaginário comum sobre a Península Itálica, construído através de filmes americanos e novelas brasileiras que enaltecem a paisagem, a alimentação, a alegria e a receptividade do país. Com a viagem, ela se dá conta de que a sua Itália está localizada em uma região específica: "que hoje, sabendo, conhecendo um pouco o país, eu vejo que era a Toscana"¹¹.

Trabalhamos aqui com três realidades de partida diferentes, que vão gerar expectativas diversificadas sobre a terra de chegada. Cada um dos entrevistados busca confirmar uma imagem forjada de acordo com a experiência vivida antes da decisão de partida. Para Mateus, a viagem para a Itália, que acontece com parte de seu processo de reconhecimento da cidadania italiana, é a confirmação das histórias de seu avô, a concretização daquilo que ele descreve como narrativas míticas, a realização efetiva de uma identidade recentemente descoberta. Paola, diferentemente, viaja para encontrar o espaço-tempo vivido na casa de seu avô, a comunidade trentina com a qual conviveu no Brasil: ela deixa o Paraná, procurando, na província de Trento, a comunidade de sua infância, a do norte do estado de Santa Catarina. Por fim, Cristina parte em busca da Itália que ela conheceu através dos filmes e programas de televisão, um misto de paisagens encantadoras e culinária apaixonante: é uma percepção, em comparação com as imagens de Mateus e Paola, muito mais vinculada ao presente, mas não menos imaginada.

Os primeiros contatos: confrontando-se

Iniciada a viagem, deixando para trás suas pequenas localidades (ou a grande cidade de São Paulo), os protagonistas deste artigo começaram trânsitos nos quais se confrontaram imagens que deram luz à expectativas e à experiência vivida na realidade italiana. Destaque a chegada física – o desembarque no aeroporto e a viagem de trem em direção a Trento¹² –, as fotografias mentais que narravam

¹¹ Entrevista com Cristina, Trento, 22 de fevereiro de 2012.

¹² Destaque-se que Mateus, diferentemente das duas mulheres, não irá se dirigir diretamente a Trento, mas vai viver no sul da Itália, com alguns parentes, por aproximadamente cinco meses.

a península foram sendo substituídas por situações concretas que se descortinavam aos olhos dos estudantes italo-brasileiros. Naquele momento, como nos meses que se seguiram, a leitura que eles foram fazendo sobre a realidade italiana esteve marcada por representações construídas na terra de partida, que funcionavam como uma lente para a leitura do vivido. O elemento-chave desses trânsitos é a confirmação (ou não) entre a Itália imaginada e a de fato encontrada, fosse ela o país dos ancestrais, a comunidade idealizada, fosse a terra encantada dos filmes hollywoodianos.

Embora Mateus tivesse a intenção de ir para Trento, algumas condições objetivas, que ele cita, como o desconhecimento da língua italiana, o que lhe impedia uma comunicação mais articulada, e a existência de parentes – uma tia paterna – na província de Caserta (sul da Itália), acabaram atrasando sua chegada ao lugar específico (sul da Itália), acabaram atrasando sua chegada ao lugar específico da partida de seus antepassados. Para chegar a seu destino, o entrevistado vai utilizar o reembolso de viagem oferecido pela província de Trento para os descendentes que "retornam" à Itália:

Depois de 5 meses eu vim pra pra Trento, de fato onde era o objetivo inicial, e... sim claro, quando eu tava lá, justamente o fato que me ajudou a vir pra cá, também foi o fato que existia uma... uma espécie de reembolso das despesas, da passagem e tal, pra quem, no caso, voltava, no caso esses descendentes que faziam o ingresso na Itália. Eu consegui por uma questão bem de sorte assim, porque tava acabando, a lei parece que foi modificada creio que poucos dias depois em relação à data que eu fiz a o pedido; então foi assim, fui um dos últimos mesmo, foi uma... foi muita sorte, e com esse, com esse dinheiro que eles me reembolsaram enfim da passagem ah foi onde eu pude financiar o deslocamento, e de repente acho o primeiro mês aqui.¹³

Além do deslocamento, o reembolso das despesas do transporte aéreo – Brasil/Itália – permitiu a conclusão das últimas questões relacionadas ao processo de reconhecimento da cidadania, como a tradução de alguns documentos. Dessa forma, antes de partir de Caserta, Mateus dá entrada com a documentação para ter reconhecida a cidadania italiana. Terminada essa etapa, ele parte diretamente para

¹³ Entrevista com Mateus, Trento, 16 de junho de 2012.

Caldonazzo, para poder conhecer exatamente o lugar de proveniência de sua família.

Em sua breve estada na pequena cidade trentina – um fim de semana – Mateus tem contato, através de uma série de interações com pessoas da localidade, com um político local, casado com uma mulher que possuía o mesmo sobrenome que ele. Esse encontro vai ser duplamente importante para a sua história. Em um primeiro momento, em um sentido positivo, como veremos agora e, sucessivamente, como propulsor em sua mudança de percepção no que tangia à sua “trentinidade”. Para o entrevistado, conhecer essa família foi um evento muito positivo, pensando em um indivíduo recém-chegado, que precisava de todo o tipo de ajuda. Os “parentes” se mostraram muito disponíveis para dar-lhe todo tipo de apoio:

Ele me ajudou assim com... aquela coisa... aquela mesmo aquela ah... vamos dizer aquela insegurança inicial, tipo, ah, tem alguém que de repente pode dar uma mão, foi o caso de encontrar um trabalho, e porque de fato é difícil, sem saber nem um pouco italiano, sem uma documentação, enfim, vamos dizer tinha o que... tinha uma carta de identidade, um recibo de um *permesso di soggiorno*, mas que não... de fato não era nem o *permesso di soggiorno*, mas que não... de fato não era nem o *permesso di soggiorno* em si, depois tinha toda a questão de que com o *permesso di soggiorno in attesa di cittadinanza* não se podia trabalhar¹⁴.

Portanto, a família encontrada em Trento foi uma espécie de porto seguro para um jovem que chegava em um lugar novo, com o objetivo de construir uma vida, um ponto de referência em meio ao desconhecido. E, como ele próprio narra, o casal foi muito receptivo e se mostrou logo disponível para ajudá-lo em seus primeiros passos, inclusive sob a perspectiva financeira, pois a mulher – a que tinha o mesmo sobrenome que ele – se preocupou logo com a possibilidade de que ele não tivesse dinheiro suficiente para continuar se mantendo, o que era realidade:

Eh o meu dinheiro tava acabando, ela até veio pra mim assim e me perguntou ‘eu posso fazer uma pergunta indiscreta’, eu falei ‘faça’, ela perguntou, ‘como é que cê tá com dinheiro?’, ‘é acabou!’¹⁵.

14 Entrevista com Mateus, Trento, 16 de junho de 2012.
15 Entrevista com Mateus, Trento, 16 de junho de 2012.

Na verdade, o primeiro emprego efetivo do imigrante capixaba – considerando que antes ele havia tido uma brevíssima experiência em uma pizzaria, por intermédio de uma agência de emprego – foi conquistado com a ajuda dos “parentes” trentinos. Dessa forma, ele começou a trabalhar em um bar, no centro da cidade e isso para ele foi uma realização pessoal muito importante, mesmo com o excesso de atribuições e com um horário de trabalho muito exaustivo, porque estava conseguindo “o seu próprio dinheiro” e conseguia pagar as suas despesas. Obviamente, como o processo de reconhecimento da cidadania não tinha sido concluído e a permissão de permanência com o objetivo de esperar a cidadania não lhe permitia trabalhar, ele ficou no local como trabalhador não legalizado, *in nero*.

O ponto que turba sua relação com Trento, com a família que o ajudou no início e com a sua autopercepção no contexto trentino está vinculado a este emprego, ou melhor, à forma como ele se desvinculou de seu trabalho. Quando aconteceu o fato – uma discussão com um casal de clientes amigos do proprietário – Mateus já estava descontente com as condições de trabalho a que estava sendo submetido. Pouco a pouco, ele começa a se dar conta de que existe uma grande diferença entre o contrato legal de quatro horas – ele já tinha tido a cidadania reconhecida e o contrato legalizado – e as doze horas que ele trabalhava: o problema não é que não o pagassem pelas doze horas; a questão era que os seus direitos trabalhistas estavam vinculados a um contrato de quatro horas. Ao reconhecimento da exploração, acabou se juntando uma discussão por um motivo fútil – um mal-entendido – com uma cliente e seu marido, por causa de um carrinho de bebês que estava bloqueando a passagem no bar.

No dia seguinte ao acontecido, o proprietário do estabelecimento chamou Mateus no seu escritório, que ficava no subsolo do bar, e começou a escrever uma carta de demissão para que o imigrante a assinasse, como se estivesse pedindo demissão¹⁶. Quando ele se recusou, o trentino perdeu a razão e o encheu de insultos, forçando-o a permanecer sentado, quando o jovem tentou se levantar para sair. Recordando-se que o patrão possuía porte de arma, foi tomado pelo pavor de que pudesse atirar nele. Desesperado, aproveitou que o trentino estava se sentando novamente e fugiu corren-

16 Os contratos de trabalho por tempo indeterminado, como aquele que tinha Mateus, só permitem a demissão, por parte do empregador, por justa causa.

do. Passados alguns dias – primeiro entrou com atestado e depois gozou as férias a que tinha direito – Mateus pediu demissão alegando justa causa¹⁷, apresentando ao empregador uma série de provas: contrato irregular, fotografia do livro de ponto com horas que ultrapassavam aquelas contratuais. Essa situação acabou gerando atrito com os “parentes” trentinos, que eram amigos há muitos anos do proprietário do bar e que tentaram, sem sucesso, dissuadi-lo de sua decisão. A relação terminou com uma mensagem de celular da mulher, dizendo: “Já que você não quer tipo retroceder, em relação à questão de levar ele pra justiça, você resolve, você, ele, e o contador dele”, tipo assim como dizendo ela meio que lavou as mãos¹⁸.

Depois dessa situação, Mateus conseguiu uma bolsa da Universidade de Trento e se tem mantido com ela até o momento da entrevista, frequentando os cursos da instituição. No entanto, ele fala de algo que quebrou, que seu encantamento com a trinitidade não existe mais, já era algo mais apagado em sua mente:

Era muito pra mim, era muito muito forte; hoje em dia isso perdeu naturalmente, não sei se eu acostumei ou se... creio que não tenha perdido porque continua tendo valor pra mim, mas não como antes, porque hoje eu tô inserido aqui como, como um deles mesmo¹⁹.

É emblemático que, neste ponto da entrevista, Mateus se considere inserido e justifique sua perda de encantamento por esse fato, porque logo adiante ele afirma que jamais conseguirá se inserir completamente, porque sempre será outro, mesmo com a cidadania. Há mais um fator relevante relacionado à forma como o entrevistado constrói sua narrativa. Logo depois da situação difícil vivida em Trento, ele relata o seu desencanto. De certa forma, as mudanças que vivencia se situam num conjunto de perdas – da relação com o proprietário que ele considerava como um pai, com os parentes, que tinham sido seu ponto de referência. Com elas, rompe-se a aura positiva que envolvia o seu presente, fazendo com que o presente adquira uma coloração mais escura, enquanto o passado, brasileiro, é revalorizado.

Paola, pelo contrário, teve uma experiência completamente diferente daquela de Mateus no que se refere aos seus primeiros contatos. Economicamente, sua situação era muito mais estável do que a de Mateus, além da cidadania reconhecida, pois tinha entrado com o processo ainda no Brasil, alguns anos antes de partir. Aliás, a partida de Paola foi pensada e organizada durante muitos anos, com curso superior voltado para a área de italiano, diferentemente de Mateus, que chegou à Itália com total desconhecimento da língua. Outro fator importante que os diferencia é o fato de Paola ter vindo casada para a Itália; portanto, não se encontrava sozinha desde o início, e tinha o amparo afetivo de um companheiro que havia planejado tudo com ela. Mesmo com toda a preparação e com a ideia de transformar seu deslocamento em fato definitivo, a imigrante paraense afirma que veio com passagem de ida e volta, e que utilizou os primeiros meses para verificar se aquela era a sua estrada:

Um período de 3 meses e dizendo, olha vamos experimentar, porque, tudo bem, tinha a bolsa, tinha todo o projeto de vir, mas a adaptação a gente nunca tem ideia enquanto a gente não experimenta mesmo²⁰.

Paola sentia-se muito vinculada a Trento por causa da experiência familiar, e tinha o desejo de permanecer para sempre na cidade; no entanto, sabia que poderia encontrar uma situação diferente da imaginada na terra de partida e, de fato, pouco a pouco vai confrontando as duas representações, de antes e depois da partida. Desde o início, suas percepções sobre a cidade envolvem dois planos de sensações, uma com relação ao espaço geográfico e outra, com respeito às pessoas:

Muitos não, mas eu assim gosto de clima de montanha, gosto do tamanho da cidade que é pequena, eh... pelas pessoas é que eu tive um pouco mais de dificuldade porque eu sentia um... eu vou dizer hoje, timidez, mas na época eu dizia resistência.

No plano topográfico, climático e urbano era mais fácil de reconhecer aquela Trento narrada na casa do avô, aqueles relatos dos

¹⁷ Essa modalidade é possível quando o empregado está vivendo condições específicas de exploração por parte do empregador, e acarreta um prejuízo econômico para o segundo.

¹⁸ Entrevista com Mateus, Trento, 16 de junho de 2012.

¹⁹ Entrevista com Mateus, Trento, 16 de junho de 2012.

²⁰

Entrevista com Paola, Trento, 22 de fevereiro de 2012.

tempos passados, das experiências da história familiar; aliás, autor-reconhecia-se na paisagem acidentada, de uma cidade circundada por montanhas. Os outros, os que não eram "trentinos", não conseguiam corresponder à cartografia da região, mas ela, que tinha um vínculo de sangue com aquela zona, não só estava adaptada, como também gostava de viver ali. Por outro lado, o aspecto humano era mais difícil, pois as pessoas da região eram muito diferentes das que havia deixado do outro lado do oceano, como Paola vai dizer mais adiante em sua entrevista. Ela notava uma certa resistência, dificuldade em se comunicar; o que ela interpretava como processo de racionalização, vai se transformar em timidez.

Paola destaca a introversão do trentino, algo que a perturbou desde o início de sua chegada: no entanto, ressaltou a acolhida muito positiva com que sempre foi recebida, sobretudo vinculada ao seu sobrenome "trentinissimo", como ela relata. Em todos os lugares, conta de uma recepção muito boa e um interesse em tentar colocá-la em contato com possíveis parentes, informando os espaços da cidade mais habitados por pessoas com o mesmo sobrenome:

E as pessoas 'olha, você sabe que a maioria dos seus parentes deve ser ali no tal bairro, então vai lá, procura', sempre de uma forma simpática até me, me, me respondiam, né, não tive epissódio de... ah, antipático com relação a eu ser brasileira, com relação a eu ser descendente de trentina e tá aqui com uma bolsa, porque também poderia ser alvo de crítica agora no momento de crise, né?!

Assim como para Mateus, também Paola se depara com uma recepção muito positiva, não obstante a "timidez" das pessoas. Ela não encontra "parentes", como não os tinha encontrado o imigrante capixaba, mas essa ausência é sublimada pela presença dos espaços da narrativa do avô, pela igreja onde talvez o avô tivesse participado das celebrações, pelas montanhas por onde o avô talvez tivesse caminhado. Enfim, os espaços memóricos das histórias escutadas na casa paterna davam as boas-vindas a Paola. Isto se somava à amistosidade das pessoas com as quais tinha contato, interessadas em sua raiz trentina, interessadas em promover o seu encontro com as suas raízes.

A imigrante paraense ressaltava, em diferentes momentos de sua narrativa, o fato de se sentir integrada e associa esta sensação à ausência, de acordo com sua percepção, de episódios de preconceito com relação a ela:

Eu me sinto integrada no sentido de que não tive nenhum epissódio de, de preconceito, ou de que alguém me questionasse né... de maneira ofensiva ou alguma coisa assim... eh... também descobri uma brasilidade que no Brasil não sabia que eu tinha!

No caso desta segunda entrevistada, o que se nota é a continuidade do encantamento com relação à terra dos antepassados, ou seja, o processo imigratório e os primeiros contatos com a província de Trento não alteraram a ideia inicial de permanecer ali. Existe, sem dúvida, um processo de confronto com ela mesma: talvez fosse melhor dizer com "elas mesmas", pois Paola começa a fazer uma descoberta inusitada durante sua estada em Trento, a de sua brasilidade. Ela vai reproduzir, e isso vai ser mais bem explicado no próximo ponto do texto, o hibridismo identitário em uma relação inversa. Se antes ela se sentia deslocada no Brasil, por sua "italianidade", agora o jogo se inverte: ela se sente parte de uma alteridade, na Itália, por sua brasilidade.

Para Cristina, tudo aconteceu, como ela diz, meio de "surpresa", sem uma preparação específica para a viagem. Ela fez as provas necessárias para obter a bolsa da província de Trento, basicamente de conhecimento da língua italiana, e aquela para entrar no curso que ela tinha escolhido, porque tinha vagas limitadas. Terminada essa sessão de exames, ela, pela segunda vez na vida, pegou o avião e partiu em direção à Itália, para um espaço desconhecido, embora ainda não se tivesse dado conta disso.

Sabendo que seu avião chegaria à noite, em Milão, a estudante paulista decidiu reservar um hotel, ou melhor, um albergue da juventude, para passar a sua primeira noite na Itália. No dia seguinte, ela partiu para Trento. Vai ser durante essa primeira noite que a entrevistada vai começar a se dar conta do que está acontecendo com ela, ou seja, que ela não está mais em sua casa, que ela tem de se relacionar com uma nova língua, e essa situação – mesmo com a

presença no albergue de uma brasileira – vai criar em Cristina uma sensação de ansiedade:

Assim aquela, um pouco ansiedade de saber, será que as pessoas vão me entender, será que eu vou saber me expressar e tal, eh... aí passei uma noite no hotel, conheci uma brasileira ali, porque por algum motivo tava ali, e... daí vim pra Trento, com três malas, duas de 32 (quilos).²³

Sua viagem ainda estava em seu início e as emoções de uma primeira experiência fora de casa já começavam a aflorar, sinais que não se observam na narrativa de Mateus – talvez porque tivesse passado os primeiros meses na casa de sua tia – nem na de Paola – que tinha vindo com o marido. Sem dúvida, a solidão foi um elemento forte para pensar o primeiro impacto da nova experiência nas leituras de Cristina e na percepção da sociedade trentina. A mesma sensação continua na viagem de trem, de Milão a Trento, com a preocupação de transportar toda a sua bagagem e com a certeza de que teria de fazer tudo sozinha, pois não havia ninguém que a ajudasse a colocar as malas dentro do trem.

Durante o trajeto, que fazia pela primeira vez, a ansiedade foi aumentando, porque ela não sabia como fazer para desembarcar suas três malas, considerando que, segundo sua observação, o trem ficava parado por pouquíssimos minutos. Não suportando mais essa sensação, aproveita da presença de duas “senhorinhas” e entabula um diálogo, perguntando quanto tempo o trem costumava ficar parado em cada estação, recebendo uma resposta não muito acalentadora: um minuto. Expressando o seu “desespero”, recebe a primeira reação de solidariedade no processo de trânsito, através da oferta de ajuda por parte das “senhorinhas”:

Aí, sai assim ansiosa, né, ‘tenho essas malas como é que eu vou descer e tal’, ela ‘não mas a gente te ajuda a descer né’, aí acho que o ato o fato dela te falado ‘ah, não a gente te ajuda, fica tranquila’ me deu uma relaxada.²⁴

Esse ato gentil provocou uma dupla reação – mas associada – em Cristina. Por um lado, como ela afirma na citação, o fato de sentir-se acolhida (a ajuda para descer as malas do trem representava isso) a deixou mais relaxada. Por outro, sentindo-se menos pressionada e com menor necessidade de ser forte, talvez com o sentimento de estar sendo amparada, o seu autocontrole enfraquece e ela tem uma crise de choro:

mas também tipo caiu a tona, cé tá sozinha, num país que cé não conhece, do outro lado do mundo, f... aí comecei a chorar assim, a mulher me olhava ‘mas, você está assustada sabe’.²⁵

Depois daquela que a estudante paulista considera a sua primeira crise, tem início um bom relacionamento com a cidade de Trento, tanto no que se refere às relações interpessoais – porque logo conhece uma moça do Vêneto, que conhecia outros brasileiros, que a ajudaram nos primeiros dias – quanto no que se refere à vivência na cidade, pois tudo era festa, novidade. De qualquer forma, já no primeiro contato, ou seja, nos primeiros dias de sua estada na cidade, Cristina começou a se dar conta de que aquela não era a Itália que ela havia imaginado quando vivia em São Paulo e pensava no seu curso de gastronomia. Ela relata um estranhamento com relação às imagens cristalizadas que tinha da Itália e aquele fragmento da península que estava conhecendo, pois a paisagem era o elemento mais marcante dessa diferença de perspectiva:

Mas assim, logo no começo, deu pra, deu pra vê que Trento não era Itália, não era aquela Itália que eu tinha em mente, mesmo a paisagem era diferente, eu lembro que quando eu cheguei aqui, cheguei, tive a impressão que Trento era uma mistura de Campos do Jordão e Barra da Tijuca.²⁶

De qualquer forma, sendo uma estudante universitária, o maior estranhamento se deu justamente nesse meio, especialmente na relação professor-aluno. Para Cristina, existia uma grande diferença na imagem do professor universitário no Brasil e aquela na Itália (no seu caso, Trento); enquanto no primeiro país havia uma abertura

23 Entrevista com Cristina, Trento, 22 de fevereiro de 2012.

24 Entrevista com Cristina, Trento, 22 de fevereiro de 2012.

25 Entrevista com Cristina, Trento, 22 de fevereiro de 2012.

26 Entrevista com Cristina, Trento, 22 de fevereiro de 2012.

maior e uma possibilidade de debater com o professor dentro e fora da sala de aula; no segundo, estabelecia-se uma relação muito mais hierárquica e um processo muito mais *teacher centred* de aprendizagem: "É Deus no céu e professor na Terra."²⁷ Esse tipo de estranhamento, para ela, foi chocante, porque fazia com que ela não se sentisse em uma instituição de nível superior, mas em um "colégio", visto que as informações eram passadas em maneira expositiva, sem espaço para questionamentos e/ou discussões.

Como se percebe das três narrativas selecionadas, a mesma situação poderia ser encontrada nas falas dos outros entrevistados. Chegar a Trento dá início a um processo de transformação entre a imagem produzida na terra de partida, a que funcionou como um importante *pull factor*, e a nova, a das leituras elaboradas na terra de chegada. Tanto a ideia de uma vaga representação produzida nos relatos do avô e nas buscas de documentos para o reconhecimento da cidadania – no caso de Mateus –, quanto as experiências italo-brasileiras na casa dos parentes paternos, com histórias, dialeto, tradições – no caso de Paola –, o das imagens dos filmes italianos e das novelas – no caso de Cristina –, tudo isso sofreu um processo de releitura, de enfrentamento, e uma nova Trento (ou uma nova Itália) foi nascendo, entre novas experiências que produziam novas expectativas.

Terceiro tempo, o momento do balanço: quem sou eu?

Se, na primeira parte do texto, foi ressaltada a importância da experiência específica na terra de partida – nos pequenos ou grandes pontos de onde os imigrantes iniciam suas viagens – e, na segunda, se destacaram as transformações imagéticas que o processo migratório estava produzindo, agora o foco principal é saber, entre experiência e expectativa, entre a Itália imaginada e a Itália vivida e real, que sensações e identificações o imigrante vai construir. O objetivo deste terceiro ponto do artigo é perceber como esses imigrantes analisam as suas condições identitárias, os seus sentimentos de pertença.

Podem ser destacados dois elementos fortes que atravessam a fala dos três entrevistados: o não-encontro da Itália imaginada na

terra de partida e a redescoberta de uma brasilidade em terras italianas. Na realidade, as duas questões acabam se inter-relacionando, pois a ruptura do mito de uma Itália encantadora, por suas paisagens e por seu componente humano, construído a partir de narrativas familiares ou de programas e filmes, impulsiona em direção a um novo olhar sobre o Brasil. Neste sentido, e olhando desde o exterior, em um processo de estranhamento, aquele país, que parecia tão distante, quando vivido exatamente em seu seio apresenta uma nova coloração, um novo encantamento.

Para compreender melhor essas questões, acredito que seja importante identificar brevemente duas problemáticas que cruzam questões de etnicidade e de representação do Estado nacional. A clarificação das formas de interação entre o vivido e o imaginado, presente na construção dessas duas realidades conceituais, permite uma melhor compreensão dos processos que produzem leituras diferenciadas sobre o país de origem e o de destino, e também sobre os fundamentos de um deslocamento de ênfase entre os elementos do binômio híbrido dos italo-brasileiros.

No que se refere aos Estados nacionais, invoca-se a compreensão de Benedict Anderson, que os associa a algo mais do que apenas unidades políticas que dispõem de soberania; para ele, constituem-se "comunidades imaginadas" e, portanto, mutáveis na medida e na velocidade em que o são as sociedades e os sujeitos que as compõem²⁸. Mesmo tendo um caráter coletivo, porque as nações produzem um imaginário específico – um estereótipo – que as representa, formado por símbolos, mitos, emblemas, por seus "lugares de memória", também apresenta uma perspectiva individual, vinculada à maneira como os indivíduos recebem esses *inputs* nacionais. Viver fora da nação significa também, às vezes, receber uma forte carga emotiva associada à ausência deste "sujeito", agora idilicamente amado. Com um olhar nostálgico sobre um lugar outro, distante das lutas do presente, o imigrante acaba se redescobrendo, na distância, como pertencente àquela cultura que agora se encontra do outro lado do oceano.

O segundo elemento que colabora na compreensão deste fenômeno de reconstrução da identidade brasileira no exterior está vincu-

lado às discussões sobre etnicidade, de alguma forma já brevemente abordada anteriormente. Segundo Gans, a "eticidade simbólica" poderia relacionar essa concepção às representações das identidades nacionais, transformando-se em fonte de autorreconhecimento e representação na medida em que os indivíduos deixam a esfera dos iguais e dão início a um processo de interação com os outros:

É precisamente quando as minorias deixam de viver em colônias e se acham diretamente confrontadas com outros grupos que suas especificidades culturais tornam-se fontes de mobilização coletiva e que se desenvolve no que Gans denominou 'a eticidade simbólica'.²⁹

Dessa forma, percebe-se que a distância com relação ao Brasil na experiência ao interno de outra cultura – mesmo para aqueles imigrantes que se sentiam italianos, quando viviam na terra de partida – e o novo espaço internacional ocupado pelo gigante latino-americano contribuíram para um processo de reelaboração identitária. Embora sem observar mudanças específicas em seus comportamentos, o confronto com a nova realidade cultural vai fazer com que se reconheça uma coletividade – brasileira – diversa daquela da sociedade hospedeira. Na verdade, nem mesmo o sentimento de pertença étnica e cultural forte, por causa das narrativas familiares, que produziram a introjeção de um conceito de italianidade que se entendia como próprio, será suficiente para interromper esse processo de transformação vivido nas terras dos ancestrais.

Um caso exemplar para se pensar essas questões é aquele de Paola, a imigrante paranaense com raízes no norte do estado de Santa Catarina. Como já se havia mencionado antes, ela se descobre brasileira no Trentino, mesmo não sabendo sambar ou jogar futebol, como afirma, mas porque se descobriu diferente, por ser extrovertida em uma comunidade culturalmente fechada (tímida):

É positivo, e digo é isso aí mesmo, eu sou brasileira, e por me ter deparado com essa realidade hoje do Trentino de que eles são um pouco mais tímidos e reservados, eu disse, póxa, eu não sou assim, então assim, eu não sou exatamente aquela... não, não segui aquela linha de italiano ou então o que era há 150

anos atrás, eu sou brasileira, quer dizer, póxa, aos 26 anos você se dá conta de que você é brasileira³⁰.

A fala de Paola é emblemática para perceber as relações com a identidade étnico-cultural que uma parcela da população brasileira, mais especificamente do Sul do Brasil, desenvolveu no processo migratório do final do século XIX e na história das comunidades de imigração. Ela reflete os grupos de imigrantes – de segunda ou terceira geração – que tiveram uma experiência familiar marcada por tradições regionais da terra de partida, em que o dialeto era um elemento fundante, e que cresceram se entendendo como italo-brasileiros, como um grupo híbrido, mas estrangeiros no Brasil. A rigor, ela não se sentia brasileira antes de sua experiência na península itálica, porque ela se enxergava como fruto de outro processo formativo: era italiana, na medida em que a sua regionalidade (no caso, trentina) era identificável com a identidade nacional. Por fim, ela associa a sua não-identificação com a comunidade trentina contemporânea, por um processo histórico, vinculado à imigração, que criou uma dinâmica de diferenciação entre os que partiram e aqueles que ficaram.

De alguma forma, as observações de Paola lembram as ideias de Stuart Hall, quando fala sobre os retornados do Caribe, que não reconheceram mais a terra em que nasceram. Como o autor afirma, "sentem-se felizes por estar em casa. Mas a história, de alguma maneira, interfere irrevogavelmente."³¹ A imigrante mesmo assevera, no final de sua entrevista, que se sente integrada em Trento; todavia, sente-se – ao mesmo tempo – uma pessoa de casa e uma estrangeira. Aliás, ela repete as suas expectativas com relação ao Trentino e às coisas/pessoas que não encontrou, nesse sentido, recorda que buscava a figura humilde, de trabalhador agrícola, com muita sabedoria e vontade de partilhar:

Era muito ingênua na época, pensando assim que... que eu ia encontrar pessoas aqui com toda a humildade camponesa que a gente via dos descendentes no Brasil, de você ver o agricultor que tem a casinha lá, que tá com o fogão a lenha, eh... que é receptivo, que, que ao mesmo tempo é tão humilde, que te diz 'olha eu plantei todo esse... essa uva aqui mas eu não sei nada de agricultura, não entendo', né tipo?³²

30 Entrevista com Paola, Trento, 22 de fevereiro de 2012.

31 HALL, Stuart. Op. Cit. nota n. 02, p. 27.

32 Entrevista com Paola, Trento, 22 de fevereiro de 2012.

Paola estava buscando uma imagem muito específica em sua viagem, a "Itália" que ela tinha deixado para trás no Brasil. Talvez um espaço que não mais existisse nem mesmo no norte de Santa Catarina, transformado pelas novas tecnologias do processo de modernização, inclusive agrícola. Ela estava procurando seu avô e o grupo que se reunia para jogar cartas, cantar e contar histórias, aquele lugar trentino-brasileiro que era parte das suas viagens à casa paterna, as tardes familiares da infância. Pouco a pouco ela se dá conta de que aquele espaço-tempo não existe do outro lado do oceano, mas ainda não percebeu que, possivelmente, aquela realidade existisse apenas em suas memórias e que não se encontrava em nenhum lugar do presente, mas somente no que ela havia vivido, um tempo perdido que só poderia ser recuperado em fragmentos mnemônicos, como a Igreja que, talvez, seu ancestral tivesse frequentado para as celebrações litúrgicas.

Diferentemente dos outros dois entrevistados, Cristina não veio com o objetivo de uma imigração definitiva. Seu projeto era o de fazer o seu curso superior e voltar para o Brasil, como acabou fazendo. Em algum momento de sua estada, decidiu conhecer a cidade de proveniência de seus antepassados, uma avó materna. Recebeu — em um primeiro momento — o auxílio de uma menina da localidade, que tinha seu mesmo sobrenome. No entanto, a conhecida logo descobriu que não eram parentes e não continuou a busca. Tampouco Cristina teve interesse em continuar. Como se percebe, desde o início não havia uma preocupação específica com as origens trentinas; existia um desejo, talvez, de conhecer, mas nada que fosse importante.

A vivência na Itália foi aumentando sempre mais a consciência de que havia uma grande diferença entre as imagens consumidas no Brasil e as vividas na província de Trento. Como Paola, também a estudante paulista destaca o fato de os trentinos serem fechados, muito educados, gentis, mas não simpáticos, nem receptivos. A rigor, ela está utilizando como ponto de referência para medir o nível de simpatia os filmes vistos no Brasil e um estereótipo de italianidade muito comum no país, especialmente em São Paulo. Como ela afirmou, tinha vindo para a Itália esperando encontrar uma realidade caótica, composta por pessoas muito abertas, receptivas, alegres e falantes, muito falantes: "mais aquilo que a gente esperava, ou era aquilo que eu imaginava, de falar alto, de falar tudo ao mesmo tempo, aquela conlância né?"³³

Hoje, Cristina se dá conta de que errou quanto ao lugar: não devia ter vindo para o norte da Itália, especialmente para o Trentino Alto Adige. Ela reconhece que aquela sua Itália imaginada existe, mas está em outro espaço, mais ao sul, onde as pessoas são mais abertas e tranquilas. Aliás, citando conversas suas com amigos do sul do país, a estudante indicava que só se podia conhecer a verdadeira Itália indo para a parte meridional da península e ela desejava fazer essa viagem, em busca da sua Itália, antes de retornar ao Brasil. Para ela, se tivesse vivido em outro lugar, quem sabe na verdadeira Itália, tudo teria sido diferente: "eu teria sido mais feliz!"³⁴

Como conclusão, nota-se que Cristina não viveu uma plena reatização na sua experiência na província de Trento, quer porque os locais eram muito fechados, quer porque a cidade não oferecia o ritmo de vida e as opções de São Paulo. Essa felicidade foi transferida para outro lugar, não vivido, no qual se encontra a encantadora Itália que ela conhecera no Brasil. Portanto, não é que "a sua Itália" não exista; a questão é que ela não a encontrou, pois viveu em uma que era "falsa". Uma experiência de alguns dias na Toscana, em Florença, foi suficiente para confirmar a sua teoria, pois naquele lugar ela pôde ter um convívio excelente, com pessoas nas ruas, nos restaurantes.

Se a imigrante ~~paranaense~~ veio para a Itália com um projeto definitivo e a paulista com o de uma experiência transitória, e ambas mantiveram esse aspecto dos projetos pessoais, Mateus vai viver na Itália uma mudança radical de seus objetivos com a imigração. Quando veio para a península, e nos primeiros tempos, o imigrante capixaba tinha a ideia de permanecer na Itália para sempre: fazer sua graduação, procurar um trabalho, estabelecer-se ali. No entanto, ao longo de sua estada, essa previsão inicial foi sendo repensada e o projeto foi sendo alterado:

A ideia de princípio era de ficar... eu tinha... eu fiz essa... esse misticismo em torno a Itália, crescer de tal forma, que eu não queria voltar mais pro Brasil, tipo na minha cabeça eu criei esse parafuso e quis ficar aqui, quis me mergulhar aqui, ficar aqui, a minha intenção inicial era fazer um curso universitário e ficar por aqui, trabalhar por aqui, tipo tendo tudo essas mudanças mesmo de, notado essa diferença mesmo de caráter, de paradigma, em relação... eu hoje não quero ficar aqui!³⁵

Mateus fala que havia criado um "misticismo" com relação à Itália e que construiu, em sua cabeça, um paraíso. Seguindo sua lógica, pode-se notar que, pouco a pouco, o confronto entre a Itália encantada — do momento da partida e dos primeiros tempos — e a Itália concreta da experiência quotidiana foi dando lugar a um processo de desencanto, no qual a representação do paraíso foi sendo deslocada para o outro lado do oceano, para a terra de partida, para o Brasil. Deve-se destacar, todavia, que esse novo espaço encantado não é a sociedade de partida, para onde o imigrante não pretende retornar, mas é o Brasil potência mundial, é uma imagem idealizada do país, em um futuro idealizado de ascensão social. Na verdade, o país que tinha abandonado para sempre, tornou-se terra de promessa e espaço de realização pessoal e profissional.

Por fim, mesmo considerando a questão econômica — o crescimento que se vive no Brasil e a decadência associada à Europa — Mateus diz que o fato de ter descoberto a sua brasilidade constituiu-se em um elemento a mais para a sua tomada de decisão sobre o retorno:

Eu creio que... claro que a questão econômica cria uma certa euforia, não tipo... acaba que como diz legítima aqui que se estava querendo fazer, mas eu imagino que... tipo... eu não sei... eu acho, creio que mas que interferiu mesmo essa dinâmica de fato de me sentir mais brasileiro aqui³⁶.

Observa-se, mais uma vez, como esse contato com o outro acaba reforçando a sensação de pertencimento à cultura de origem. Nas relações interpessoais, no modo de compreender e levar a vida, no caráter, nas expressões culturais, em todos estes aspectos, Mateus foi se dando conta de que não pertencia àquele espaço onde estava vivendo e que, pelo contrário, o seu modo de ser tinha marcas muito fortes da cultura brasileira.

Além da questão da alteridade, acredito ser importante enfatizar os processos de identificação intragrupo. Como foi falado no início do texto, muitos brasileiros viviam nesta residência universitária, um número maior do que os 11 que foram entrevistados: pessoas de diferentes partes do Brasil, de diferentes estados. É interessante

o fato de os entrevistados darem destaque a essa condição de comunidade, às experiências compartilhadas, ao conhecimento recíproco, inclusive da cultura regional que ocorria. Neste ponto, acredita-se que se podem, mais uma vez, retornar as reflexões de Stuart Hall sobre os movimentos diaspóricos no exterior, quando o autor fala que sua geração se tornou caribenha em Londres: "há a qualidade de 'ser caribenho' que eles compartilham com outros migrantes do Caribe". Em um mesmo sentido, capixabas, paulistas, catarinenses, paranaenses, baianos, gaúchos e diferentes outras proveniências acabam interagindo e descobrindo elementos do seu "ser brasileiro", algo sobre o qual nunca tinham pensado na terra de partida, pois aqui, na terra de partida, as diferenças regionais falam mais alto.

Procurando dar um encaminhamento final à discussão e retomando a questão inicial, que se encontra no título do presente artigo — o que significa ser italo-brasileiro na Itália? — entende-se ser importante recuperar duas questões: integração e descoberta da brasilidade. Com relação ao primeiro ponto, pode-se perceber que — mesmo com a vivência do estranhamento — o contato prévio com uma experiência específica vinculada à cultura da sociedade de acolhida, assim como o conhecimento da língua, constitui um elo fundamental para o processo de integração. Observa-se uma capacidade de integração muito maior na imigrante paranaense, quando comparada com a dos outros imigrantes. No que tange à segunda questão, nota-se que a nova leitura da identidade brasileira e uma nova positividade com relação ao pertencimento àquele coletividade são fatores que acompanham os imigrantes brasileiros no exterior — descendentes de italianos ou não — sendo motivada tanto por uma redescoberta do Brasil enquanto potência econômica, quanto pelas novas experiências em terra estrangeira.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- LEED, Eric. *La mente del viaggiatore. Dall'Odissea al turismo globale*. Bologna: Il Mulino, 1992.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. Seguido de Grupos Étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.
- RICOEUR, Paul. *La memoria, la storia, l'oblio*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2003.

Entrevistas

- Entrevista com Cristina, Trento, 22 de fevereiro de 2012.
- Entrevista com Paola, Trento, 22 de fevereiro de 2012.
- Entrevista com Mateus, Trento, 16 de junho de 2012.

“MIGRANDO PARA A TERRA DOS NONNOS E DA POLENTA”: os urussanguenses na Itália a partir da rede social do *Orkut*

*Glauca de Oliveira Assis
Julia Masuichei Tomasi*

A cidade de Urussanga, localizada a 185 km da capital, Florianópolis, foi fundada em 26 de maio de 1878, atraindo, no final do século XIX, grande quantidade de imigrantes italianos. Os que desembarcaram em “*Questra Merica*”, vieram de diversas regiões da Itália, principalmente do Vêneto, de cidades como Treviso, Veneza, Údine, Trento, Beluno, Mântua, Bérgamo, e da região da Lombardia, da cidade de Cremona. A cidade constituiu o principal centro da colonização italiana do sul do estado catariense.

Em 1895, após sete anos da chegada dos primeiros imigrantes, segundo João Dall’Alba, a cidade já contava com 5.000 habitantes, “todos italianos do norte” (1987, p. 155), transformando-se no principal centro comercial da “zona de colonização italiana, superando mesmo as primeiras colônias como Azambuja, Pedras Grandes, Canela Grande e Armazém” (BALDIN, 1999, p. 88).

Durante as primeiras décadas do século XX, muitas foram as transformações por que passou. Com a descoberta do carvão mineral e a abertura das minas a partir da década de 1910, a cidade desenvolveu-se economicamente, em particular com a Companhia Carbonífera de Urussanga, criada no ano de 1918. Além das minas, uma estrada de ferro também movimentou a cidade. A partir da construção do ramal da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina até Urussanga, na década de 1920, muitos foram os avanços, como o escoamento de produtos para o sul do estado, fazendo a cidade crescer economicamente, como ressalta Agenor Marques (s. d, p. 153).

Atualmente, Urussanga conta com um movimento econômico diversificado, baseado, por exemplo, nas indústrias de artigos plásticos,